



**HAL**  
open science

## A interpretação que visa o real

Daniela Batista Santos

► **To cite this version:**

Daniela Batista Santos. A interpretação que visa o real. O real na clínica psicanalítica, Campo Psicanalítico de Salvador, pp.163-171, 2018, O real na clínica psicanalítica, 978-85-89388-25-2. hal-04001776

**HAL Id: hal-04001776**

**<https://hal.science/hal-04001776v1>**

Submitted on 23 Feb 2023

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License

## A interpretação que visa o real

Daniela Batista Santos<sup>1</sup>

No seminário 17 Lacan pontua que a interpretação analítica está, ela própria, na contramão do sentido comum do termo. Isso aponta para a ideia de que não é o sentido que uma interpretação visa. O que seria, então, a interpretação? Nada mais do que acontece durante uma análise. No início há a transferência do lado do analisando, no final há o passe, e no entre, há a interpretação do analista<sup>2</sup>. Entretanto, “de um ponto de vista lógico, a interpretação antecede, causa a transferência”<sup>3</sup>. A interpretação não intervém sem que a transferência, dispositivo imprescindível à análise, esteja estabelecida, ou seja, o analisando não valida o ato do analista sem a transferência. O ato que aponta para a não relação sexual, para o impossível, não tem possibilidade de exercer efeito algum sem transferência. Outro detalhe que merece ser destacado: só sabemos que houve interpretação a posteriori, quando um efeito acontece, pois, o inconsciente é o intérprete, é ele quem define se o ato do analista foi ou não interpretação. Quem trabalha e produz saber em uma análise é o sujeito através do discurso histórico.

Soler comenta que Lacan evocou o termo *liberdade* quando tratou da interpretação, porém, não é uma liberdade qualquer, pois está associada ao *nível tático* que seria “nível da escolha das fórmulas, dos momentos, da quantidade, etc.”<sup>4</sup> Esse nível tático da liberdade não se desprende da *política* (falta-a-ser) da análise, e isso nos remete a uma liberdade de interpretação que carrega especificidades éticas.

“A interpretação é menos um método para se alcançar a verdade recalçada, ou uma técnica de decifração, do que tática relativa à política de cura”<sup>5</sup>, ou seja, não adianta revelar o conteúdo do recalque, pois o enigma do sujeito permanece. Não é função do analista decifrar esse enigma, como adverte Lacan no seminário 17, este deve ser colhido na trama simbólica do sujeito, e decifrado por ele próprio, a partir de um semi-dizer sobre a verdade.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, praticante de psicanálise, doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, professora substituta do Instituto de Psicologia da UFBA. *E-mail*: danielabatista2@gmail.com

<sup>2</sup> MARTINHO, M. A interpretação psicanalítica: um dizer nada. *Revista Stylus: A lógica da interpretação I*. Escola de psicanálise dos fóruns do campo lacaniano – brasil, n. 24, 2012. p. 25-42.

<sup>3</sup> SOLER, C. Interpretação: as respostas do analista. *Opção Lacaniana*, n. 13, 1994, p. 30.

<sup>4</sup> SOLER, C. *Interpretação: as respostas do analista*. op.cit.

<sup>5</sup> PACHECO, A, L. Por uma prática sem valor: a suficiência e conveniência poética do psicanalista. *Revista Stylus: A lógica da interpretação II*. Rio de Janeiro: Escola de psicanálise dos fóruns do campo lacaniano – brasil, n. 25, p. 43 – 52. nov. 2012.

A interpretação lacaniana é o que diferencia uma análise das psicoterapias. Geralmente o sujeito se dirige a um psicoterapeuta quando sua divisão está exposta, a fantasia não a encobre mais. A partir daí o psicólogo-terapeuta tenta restaurá-la para tamponar o furo, emprestando significações já prontas.<sup>6</sup> Soler<sup>7</sup> adverte que “todos somos terapeutas, exceto o intérprete, exceto o psicanalista”. O psicanalista opera com o enigma, ele não empresta o sentido, é o próprio analisando que vai buscar a resposta para a falha e essa resposta não tem efeito de significação, mas de subversão topológica. Subversão, pois, trata de um novo sujeito, um novo *sinthoma* laço, não se trata de um efeito de significação, uma vez que estas possuem possibilidades infinitas de produção e sempre vão estar vinculadas a uma alienação qualquer, “a interpretação significativa não resolve de modo algum o enigma do sujeito, ela o desloca”<sup>8</sup>.

O analista segue advertido da divisão do falasser, e, no lugar de emprestar sentido para o que falha, convocar o paciente a produzir um saber sobre o mal-estar a partir de sua própria narrativa. A subversão produzida em uma análise tem relação com a *separação* do sujeito e do objeto (travessia da fantasia), através do encontro com a impossibilidade.

A interpretação não revela, também não oculta, mas faz signo, dá um sinal.<sup>9</sup> Um dos exemplos de interpretação tática são os cortes das sessões.

Apontar o dedo para este lugar onde o Outro não responde, mas onde o falante está inscrito sob um significante que não é do Outro: qual interpretação seria essa? Um dedo apontado, isso não fala, isso não articula nada; isso mostra, é uma interpretação que não diz nada, silenciosa – dela fiz um título –, alusiva. Esse gesto é uma imagem para designar um dizer que indica sem enunciar... É uma interpretação não do Gozo, mas pelo gozo. De fato, no fundo, uma interpretação – e isso levanta sempre a mesma lebre – isso diz sempre: por causa do Gozo.<sup>10</sup>

Repito: *uma interpretação não do Gozo, mas pelo gozo*. Não do gozo, pois não perseguimos o sentido deste, mas *pelo gozo*, uma vez que a análise visa a mudança de sua economia. Como é possível alterar o ciclo do *j'ouis-sense – gozar do sentido*? Lacan, no *seminário 20*, coloca o gozo do lado do significante, ou seja, ao falar, o sujeito goza, em uma análise, enquanto o analisando fala, ele goza do blablabla. Sendo assim, se o

---

<sup>6</sup> FINGERMANN, D. *Por causa do pior*, 2005.

<sup>7</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit., p. 23

<sup>8</sup> Id. *ibid*, p. 24

<sup>9</sup> QUINET, A. A interpretação: uma arte com ética. *Revista Stylus: A lógica da interpretação I*. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n.24, p. 53-59. jun. 2012.

<sup>10</sup> SOLER, C. Uma interpretação que leve em conta o real. *Revista Stylus: A lógica da interpretação I*. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n.24, p. 27. jun. 2012a.

analista não opera visando o real, ele não oferta recursos para que o sujeito esvazie o sentido através da produção de saber sobre o inconsciente, promovida pelo discurso histórico e pela interpretação apofântica.

Elisabete Thamer<sup>11</sup> afirma que “se a análise é orientada em direção ao real, é em última instância em direção ao real do nó”. O falasser é borromeano, o nó foi feito na hora do traumatismo, “contingência que se inscreveu em necessidade do sintoma, que não cessa de se escrever”<sup>12</sup>.

O sintoma o qual falamos aqui é o *sinthoma* que constitui o nó. Ele surge como uma operação lógica necessária ao enodamento dos três registros. O *sinthoma* é a possibilidade que o falasser tem, a sua própria maneira, de enodar o simbólico, o imaginário e o real. É a partir dele que fazemos uma leitura da vida. Lacan define o quarto nó, em RSI, como a realidade psíquica, recurso que o sujeito neurótico tem para recobrir a dimensão insuportável do real e fazer laço social.

Há outros sintomas, que foram elaborados por Freud com estrutura de metáfora. Estes são os que geralmente levam os sujeitos à uma análise, e que desaparecem ao longo dela a partir do efeito terapêutico, “poderíamos qualificar de ‘sintomas-verdade’, que são sintomas ligados à fantasia e que ao longo da análise podem desaparecer ou se deslocar”<sup>13</sup>. Esses sintomas são passíveis de cura, o *sinthoma* laço é diferente, pois precisamos dele para amarrar a estrutura. Por isso, esse *sinthoma* tem por característica a impossibilidade de ser dito, de ser colocado em palavras. Segundo Soler<sup>14</sup>, em RSI ele é colocado por Lacan como um “elemento gozado do inconsciente” e está fora da dialética do discurso. Ele não é passível de decifração. Há um irreduzível de gozo – nomeado por muitos analistas como gozo opaco - fora de sentido – que resta ao final da análise. Esse seria o ponto limite, lidar com esse resto é o desafio para os que escolhem e conseguem levar uma análise até o seu fim. Saber se virar com esse ponto irreduzível, com o sintoma-letra:

O sintoma-letra não vem do Outro. É por isso que a identificação com o sintoma não é uma identificação “emprestada” como as identificações alienantes<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> THAMER, E. Identidade ou diferença? Algumas considerações sobre a identificação em psicanálise. In: TEIXEIRA, A. (Org). *Identificação e identidade na psicanálise*. Salvador: Campo Psicanalítico. 2017, p. 34.

<sup>12</sup> SOLER, *Um interpretação que leve em conta o real*. op. cit., p. 34

<sup>13</sup> THAMER, E. *Identidade ou diferença?* op. cit., p. 32.

<sup>14</sup> SOLER, C. *Uma interpretação que leve em conta o real*. op. cit.

<sup>15</sup> THAMER, E. *Identidade ou diferença?* op. cit., p. 32

Soler coloca a seguinte questão: o que pode uma interpretação que leve em conta o real? Seria um dedo apontado para esse gozo opaco? Gozo excluído do gozo da fantasia? Nós, falantes, somos “UM-nó”<sup>16</sup>:

Em outras palavras, nós somos poema, ou seja, *sinthoma*, o sintoma-letra aí está incluído, mas não identificável, a não ser a título hipotético. É a isso que a referência final à poesia implica... Remanejar o poema – isto é, o nó – não é, necessariamente, corrigir o gozo opaco, nem encontrar a palavra do real.<sup>17</sup>

A letra está fora de representação, está em posição de exceção em relação ao significante<sup>18</sup>. A interpretação na clínica lacaniana não segue em direção ao sentido, pois, se permanecermos no jogo S1 – S2, do discurso do mestre, continuamos alienado ao gozo do Outro. A produção de S1 no discurso do analista aponta para a produção de novos significantes a partir de um reordenamento que pode vir a modificar a economia de gozo.

Com a análise, o sujeito pode, enfim, se separar do Outro, mas não de suas próprias modalidades de gozo. Se o sexual constitui sempre um sintoma, a análise permite ao sujeito *viver este sintoma de outra maneira*. Esse sintoma é constituído por um gozo que é impossível de ser negativado, respondendo à relação sexual que não existe.<sup>19</sup>

A análise possibilita a produção de um novo modo de gozar do *sinthoma*, uma nova amarração, que tem como marca o inédito, um efeito. Efeito não é a mesma coisa que sentido. Poderíamos formular que o saldo de um final de análise surge como um gozo que, ao atravessar o sentido, cause um efeito inédito ao sujeito?

#### Interpretação que visa o real

O dizer está implicado nos ditos e lhe é heterogêneo, ele ex-siste<sup>20</sup>. O dizer é o que o dito tenta alcançar, mas não consegue.<sup>21</sup> Ele é necessário à interpretação para que esta venha a produzir algo novo sem cair no ciclo infinito dos ditos e seus sentidos, pois “todos esses ditos dizem sempre a mesma coisa, coisa esta que não é o sujeito”<sup>22</sup>. Entre ditos há de surgir a ex-sistência do dizer. A interpretação segue em direção ao dizer, que se esconde por trás dos ditos, pois “o falasser é filho do dizer familiar, ou, antes, da maneira pela qual ele recebe esse dizer”<sup>23</sup>.

---

<sup>16</sup> SOLER, *Um interpretação que leve em conta o real*. op. cit.

<sup>17</sup> Id. *Ibid.*, p. 38.

<sup>18</sup> THAMER, *Identidade ou diferença?* op. cit., p. 32

<sup>19</sup> Id. *ibid.*, p. 33.

<sup>20</sup> LACAN, C. O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972/2013, p. 451.

<sup>21</sup> FINGERMANN, Conferência Psicanálise e Literatura: travessias. 2017 (UFBA) inédito.

<sup>22</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit., p. 26.

<sup>23</sup> SOLER, C. A oferta, a demanda e a resposta. *Revista Stylus: o que responde o psicanalista? Ética e clínica I*. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n.26, p. 20. jun. 2013.

O dizer do analista segue via interpretação apofântica. Segundo Soler, o termo apofântico oscila entre revelação e asserção<sup>24</sup>, “o apofântico designa o assertivo, não oscila entre talvez sim, talvez não, que é próprio do discurso do analisando, tipicamente modal”. A interpretação apofântica tem um caráter de signo, de fazer sinal para indicar que “não há relação sexual”.

Questiona-se sobre qual o “tipo de enunciado que sustenta o dizer interpretativo”<sup>25</sup>. Deve-se elaborar questões com todo um cuidado de construção? Elas devem ser rápidas, exatas ou inexatas? Boa ou ruim? Os questionamentos podem desenrolar-se de formas variadas, e se nos atermos a esse tipo de discussão caímos no risco de criar regras fixas que vão contra o que Lacan propôs por *liberdade tática*, onde todos os lances são permitidos desde que orientados pela política de *falta-a-ser*.

Alguns tipos de interpretação podem ser definidos como: *Pontuação*: “garante a significação. Pontuar um texto é decidir de sua significação”<sup>26</sup>. *Corte*: oposto à pontuação, recorta as significações. Separa S1 de S2 com a aposta que algo possa emergir no entre, alguma novidade. *Interpretação equívoca*: trabalha com o equívoco homofônicos<sup>27</sup> e gramaticais<sup>28</sup> do significante. O analista, diferente do poeta, não calcula os equívocos, ele vai “a esmo, todos os lances são permitidos”<sup>29</sup>. Para levar em conta o *sinthoma* poema do analisando, “ele se utiliza, em seu dizer, do real de *alingua* e de seus equívocos, os quais pode jogar contra o gozar do poema, já que é por ele que o poema se fez”<sup>30</sup>. O trabalho com o equívoco faz aparecer no nível da linguagem e da lógica o impossível de saber o que se diz e o impossível de dizer tudo.<sup>31</sup>

A clínica psicanalítica colocou em evidência a impotência de significação do sintoma, uma vez que, encerrá-lo em um sentido não o impede de retornar exigindo novas significações, “a persistência do sintoma é a sua política”<sup>32</sup>. Isso aponta para o real na formação do sintoma, pois ele não pode ser esgotado pela via do sentido. O próprio Freud situou o sonho, formação do inconsciente, como impossível de encerrar-se em uma única

---

<sup>24</sup> Está em oposição a outros valores modais, como a interrogação, a ordem, o pedido, a dúvida, a exclamação etc.;

<sup>25</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit.

<sup>26</sup> SOLER, C. *Artigos Clínicos*. Salvador: Fator, 1991.

<sup>27</sup> Um significante esconde outro significante, ou uma significação esconde outra significação.

<sup>28</sup> “Eu não o faço dizê-lo: pode remeter a “você disse isso” ou “eu não assumo isso”.

<sup>29</sup> SOLER, *Um interpretação que leve em conta o real*. op. cit., p. 38.

<sup>30</sup> Id., loc. cit.

<sup>31</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit., p. 34.

<sup>32</sup> FERRETTI, M. Considerações sobre a ética e a política na psicanálise. *Revista A Peste*. São Paulo, v. 3 n. 1, p. 74. jan/jun. 2011.

significação. Há o que ele nomeou de umbigo do sonho, o ponto de real que é impossível de ser simbolizado.

Se há uma impossibilidade de esgotar o sintoma pela via do sentido, o que faz a interpretação na clínica psicanalítica? Há um efeito, produzido via transferência, que faz o analisando retornar, que leva o sujeito a falar mais sobre sua história. A política do real, quando encarnada na clínica, pode promover mudanças na vida dos analisandos, pois, o real como aquilo com o qual nos deparamos nas contingências, acaba por produzir um efeito incalculável, não é rastreável por antecipação, quando o sujeito está em trabalho analítico.

A interpretação como tática de cura permite que o sujeito atravesse o percurso da análise trabalhando com o inconsciente. Se o analista não instaura o dispositivo e não opera a partir deste, não há psicanálise, há apenas psicologia. Essas formulações não devem conduzir à ideia de que a significação é um monstro a ser evitado na análise. Através da associação livre, o sujeito usa e abusa dessas significações até gastá-la, reduzi-la. Para tamponar a falta o sujeito produz, via significação, saber, porém, não é um saber qualquer, não é um saber que o conduz a uma identificação a algo, ou alguém, nem mesmo ao analista. O sujeito pode, durante muito tempo na análise, ir atingindo esses picos de certezas, identificações imaginárias e alienantes, é tarefa do analista convocar o analisando a ser intérprete e produzir um dizer a mais a partir do trabalho em análise, do desejo de saber sobre o inconsciente.

A interpretação psicanalítica visa o real, pois ela não segue em direção ao sentido. Se fosse assim, uma análise não teria possibilidade de chegar ao fim. É importante destacar que “não se testemunha do real, tão pouco não se interpreta dele, dado que testemunhar dele, ou interpretá-lo seria fazê-lo passar à verdade”<sup>33</sup>. Verdade sempre mentirosa.

Como é possível conduzir uma análise visando o real? Se pensarmos que não é a análise que produz o real – pois este incide, ex-siste, está lá marcando o sujeito, conduzindo os seus atos, impedindo ações – uma interpretação que visa o real nada mais é do que dar um sinal, fazer signo para o irreduzível do *sinthoma*, permitindo que as contingências que surgem no enredo dos pacientes possam promover oportunidade de viradas, atingindo uma nova posição diante ao horror do impossível, à angustia Real. É importante destacar que a interpretação não revela o objeto, mas evidencia sua

---

<sup>33</sup> SOLER, *Um interpretação que leve em conta o real*. op. cit., p. 38.

consistência lógica que é o impossível de dizer<sup>34</sup>.

A contingência permite um encontro com o real, pois produz uma ruptura com o saber articulado, é o que cessa de não de escrever. Gosto das contingências para pensar nas mudanças, acredito e aposto que é através desse repertório contingencial, acompanhado da elaboração promovida em uma análise, que o sujeito consegue trocar de discurso, ou de sintoma.

Para concluir, cito Soler “a psicanálise se encontra à mercê das respostas do analista, portanto, os analistas são responsáveis não apenas pela posição do inconsciente, mas sobretudo pela existência do discurso analítico, já que este discurso depende totalmente de suas respostas”<sup>35</sup>. Respostas que ganham desenho na interpretação que visa o real, para que o analisando tenha a chance de construir um saber sobre o inconsciente com o qual possa operar.

---

<sup>34</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit.

<sup>35</sup> SOLER, *Interpretação: as respostas do analista*, op. cit., p. 22